
TIPOLOGIA DA NEGAÇÃO EM KANOÊ*

LAÉRCIO NORA BACELAR** e AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA JUNIOR***

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a tipologia da negação na língua Kanoê,¹ uma das línguas indígenas brasileiras “isoladas”, cujos últimos remanescentes vivem nas Áreas Indígenas de Deolinda, Sagarana, Rio Guaporé, na fronteira do Brasil com a Bolívia, e às margens do igarapé Omeré, na região de Corumbiara, em Rondônia. A partir de um *corpus* que compreende aproximadamente 1800 dados lingüísticos, tipificam-se e exemplificam-se aqui três tipos de sentenças negativas: 1) negação propriamente dita; 2) afirmação através da litote; 3) comparativo de superioridade e de inferioridade, por meio de frases “litóticas”.

PALAVRAS-CHAVE: Etnolingüística, língua Kanoê, negação.

INTRODUÇÃO

O processo de formação de sentenças e/ou expressões negativas é, sem dúvida, um dos aspectos mais curiosos do Kanoê. De fato, como uma das características marcantes da língua, sobressai-se a produtividade de um morfema específico {-k} no processo de formação da negação. A partir desse morfema, inserido sistematicamente antes da terminação {-ere}, característica das estruturas verbais, são construídos três tipos

* Trabalho apresentado no Encontro de Estudos Lingüísticos e Literários – refletindo sobre a Literatura e a Lingüística nos últimos 25 anos, promovido pelo Mestrado em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras da UFG, em 13 de novembro de 1997.

** Doutorando em Lingüística pela Katholiek Universiteit Nijmegen (Holanda), pesquisador associado do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.
E-mail: lbacelar@hotmail.com

*** Mestre em Letras e Lingüística pela Universidade Federal de Goiás.
E-mail: augustorodriguesjunior@hotmail.com

Recebido em 20 de março de 2003
Aceito em 25 de setembro de 2003

básicos de frases, que podem ser distribuídas em três grupos, a saber: 1) frases negativas propriamente ditas (Tipo I); 2) frases negativo-afirmativas litóticas (Tipo II); 3) frases negativo-comparativas litóticas (Tipo III).

A par da produtividade do morfema {-k}, que ocorre nos três tipos de sentenças, e em decorrência do mesmo, observa-se a alta frequência da litote,² não como recurso discursivo facultativo, mas antes como mecanismo para a estruturação de sentenças afirmativo-negativas e afirmativo-comparativas, como será visto mais adiante nas seções acerca do assunto.

A análise aqui apresentada é baseada em 10 horas de gravações magnetofônicas, que compreendem um corpus com aproximadamente 1800 dados lingüísticos, distribuídos entre itens lexicais soltos e estruturas frasais. As transcrições fonológicas e os dados analisados têm como apoio os resultados da análise fonológica apresentada por Bacelar (1992 e 1994) e os aspectos morfossintáticos encontráveis em Bacelar & Pereira (1996).

É importante lembrar que, sendo o acento tônico previsível em Kanoê (BACELAR, 1992, p. 118-119), já que o mesmo incide sistematicamente sobre a última sílaba do vocábulo, não é necessário marcá-lo nas transcrições fonológicas. Em outros termos, posto que em Kanoê o acento tônico não tem função distintiva, mas apenas demarcativa (WEISS, 1980, p. 68), a representação gráfica do mesmo foi eliminada.

Para a delimitação do material de análise, desse conjunto foram extraídas as expressões ou construções oracionais de valor afirmativo e suas respectivas negativas, de tal forma que formassem pares opositivos. Além disso, foram levantadas as construções lexicais ou frasais de valor negativo “soltas”.

Tomando-se como base a oposição semântica (afirmação versus negação) e a configuração sintática de *orações transitivas diretas* (p. ex.: “quero” / “não quero”), *orações locativas* (p. ex.: “... fica longe” / “... não fica longe”) e *orações predicativas* (p. ex.: “... é grande” / “... não

é grande”), o material sob análise pôde ser distribuído nos três grupos tipológicos supracitados, cujas especificidades serão descritas a seguir:

TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS NEGATIVAS EM KANOÊ

A negação propriamente dita:

As estruturas frasais aqui rotuladas como “negação propriamente dita” caracterizam-se por serem, do ponto de vista de suas respectivas estruturas sintáticas, não-paralelísticas e, do ponto de vista discursivo, não-litóticas. Isso quer dizer que, comparadas a outros dois grupos de frases, são autênticas negações. São marcadas pela simples presença do morfema {-k}, infixal, inserido numa estrutura mórfica de valor verbal, como se observa nos negritos das transcrições fonológicas nos exemplos a seguir:

1. aj more-k-e-wara ð-ro-k-e-re
1S bom-NEG-DEC-falar 1-CLV-NEG-DEC-AUX³
‘Eu não brigo.’
2. aj more-k-e-wara ð-ro-k-e-re mĩ-o-ni
1S bom-NEG-DEC-falar 1-CLV-NEG-DEC-AUX 2S-POSS-OBL
‘Eu não brigo com você.’
- 3a. oj toky ø-memu-ro-n-e-re
3S mamão 3-gostar-CLV-3-DEC-AUX
‘Ele gosta de mamão.’
- b. oj toky i-memu-ro-k-e-re
3S mamão 1-gostar-CLV-NEG-DEC-AUX
‘Ele não gosta de mamão.’
- 4a. mi eremu pi-memu-ro-e-re
2S jenipapo 2-gostar-CLV-DEC-AUX
‘Você gosta de jenipapo.’

- b. mi eremu pi-memu-ro-k-e-re
 2S jenipapo 2-gostar-CLV-NEG-DEC-AUX
 ‘Você não gosta de jenipapo.’
- 5a. ajte mutyry-ko ja-õ-e-re
 1PL açai-CL querer-1-DEC-AUX
 ‘Nós gostamos de açai.’
- b. ajte mutyry-ko ja-õ-k-e-re
 1PL açai-CL querer-1-NEG-DEC-AUX
 ‘Nós não gostamos de açai.’
- 6a. mite pi-ẽ-t-o-e-re mapi-ka poro-e
 2PL 2-saber-TRA-DEC-AUX flecha-CL fazer-DEC
 ‘Vocês sabem fazer arco de flecha.’
- b. mite pi-ẽ-to-k-e-re mapi-ka poro-e
 2PL 2-saber-TRA-NEG-DEC-AUX flecha-CL fazer-DEC
 ‘Vocês não sabem fazer arco de flecha.’

Afirmação através da litote

Neste segundo grupo, as frases selecionadas caracterizam-se por serem afirmações construídas através do recurso discursivo da litote, isto é, “negar o contrário do que se quer afirmar” (CAMARA JR., 1988, p. 63). Entretanto, é importante salientar que esse recurso expressivo, em Kanoê, não se reduz à mera propriedade discursiva ou a uma “figura de linguagem”, facultativa, com o efeito estilístico de “abrandar” eufemisticamente uma expressão, como acontece em outras línguas, como em Português: “Ela não é feia” *versus* “Ela é bonita”.

Antes, em Kanoê, o processo de formação de sentenças litóticas é produtivo, pela ausência de antônimos para um bom número significativo de expressões atributivas de valor adjetivo ou adverbial, em um bom número de casos. Em outros termos, não havendo dois campos semân-

ticos antagônicos bem definidos, o antônimo de um termo “positivo” é dado pela inserção da marca morfológica de negação {-k} antes da terminação {-ere} em estruturas morfossintáticas de valor “verbo-adjetivais”, ou seja, expressões de valor predicativo. Tome-se o seguinte exemplo:

7. more-ni-k-e-re kwini po-e jũ-ni
bom-3-NEG-DEC-AUX peixe capturar-DEC DEM.prox-OBL
‘Aqui não é bom para pescar.’ (Lit.: ‘Não é bom capturar peixe aqui.’)

No exemplo acima, pode-se observar que a afirmação da qualidade de “ruim” /morenikere/ é dada pela negação de “bom” /morere/, através da inserção de {-k}. Já nos pares de exemplos abaixo, fica evidente a produtividade do processo de formação de sentenças litóticas:

- 8a. ŋa tyj ej-turo-e-re
POSS1S casa grande-espaco-DEC-AUX
‘Minha casa é grande.’
- b. pja tyj ej-turo-k-e-re
POSS2S casa grande-espaco-NEG-DEC-AUX
‘Tua casa é pequena.’ (Lit.: ‘Tua casa não é grande espaco.’)
- 9a. atiti karo-ti-e-re
milho duro-CL-DEC-AUX
‘O milho está duro.’
- b. atiti karo-ti-k-e-re
milho duro-CL-NEG-DEC-AUX
‘O milho está mole.’ (Lit.: ‘O milho não está duro.’)
- 10a. uruã-o i-kaŋu ej-ø-kaŋu-e-re
rapaz-POSS RC-nariz grande-3-nariz-DEC-AUX
‘O nariz do rapaz é grande.’
- b. uruã-o i-kaŋu ej-ø-kaŋu-k-e-re
rapaz-POSS RC-nariz grande-3-nariz-NEG-DEC-AUX
‘O nariz do rapaz é pequeno.’ (Lit.: ‘O nariz do rapaz não é grande.’)

- 11a. pja i-kuta ej-pe-kuta-e-re
 POSS2S RC-cabeça grande-2-cabeça-DEC-AUX
 ‘Tua cabeça é grande.’
- b. pja i-kuta ej-pe-kuta-k-e-re
 POSS2S RC-cabeça grande-2-cabeça-NEG-DEC-AUX
 ‘Tua cabeça é pequena.’ (Lit.: ‘Tua cabeça não é grande’).
- 12a. ojo i-teju pæ-ø-teju-e-re
 POSS3S RC-orelha branco-3-orelha-DEC-AUX
 ‘A orelha dele está limpa.’ (Lit.: ‘A orelha dele está branca.’)
- b. ojo i-teju pæ-ø-teju-k-e-re
 POSS3S RC-orelha branco-3-orelha-NEG-DEC-AUX
 ‘A orelha dele está suja.’ (Lit.: ‘A orelha dele está não branca.’)

Como se nota, a língua Kanoê, em um bom número de casos, não tem campos semânticos opositivos bem delimitados para as construções predicativas atributivas. Ora, não havendo um termo “negativo” que se oponha a um “positivo”, a língua se vale do recurso expressivo da litote para a formação do “negativo”, dentro do próprio campo semântico “positivo”. É o que acontece também com as expressões adjetivas, mesmo descontextualizadas de estruturas frasais. Vejam-se alguns exemplos no Quadro 1:

QUADRO 1: PREDICATIVOS ATRIBUTIVOS

POSITIVO	NEGATIVO
more-e-re bom-DEC-AUX ‘bom’	more-ni-k-e-re bom-DEC-NEG-AUX ‘ruim’ (= ‘não bom’)
pæ-n-e-re branco-3-DEC-AUX ‘limpo’	pæ-ni-k-e-re branco-3-NEG-DEC-AUX ‘sujo’ (= ‘não limpo’)

O mesmo acontece com expressões de valor adverbial atributivo, como nos exemplos 13a., no qual nota-se a presença de /jeko/ “longe”;

e em 13.b, onde a negação do mesmo termo, ou seja /jeko ni-k-ere/, significa “perto”, literalmente “não longe”:

13a. pja tyj jeko-tʃi

POSS2S casa longe-INT

‘Tua casa fica longe?’

b. ja tyj jeko-ni-k-e-re

POSS1S casa longe-3-NEG-DEC-AUX

‘Minha casa perto.’ (Lit.: ‘Minha casa está não longe.’)

Observe-se que, nas construções negativas, a inserção do morfema {-k} ‘NEG’ é concomitante à de {-ni}, marca de terceira pessoa, singular ou plural, que também pode ocorrer em outros tipos de estruturas verbais. As relações antonímicas, por meio da litote, não se restringem tão-somente às construções adjetivas, pois a língua se vale da litotes para compor algumas das expressões adverbiais, como no Quadro 2:

QUADRO 2: PREDICATIVOS ADVÉRBIO-ATRIBUTIVOS

POSITIVO	NEGATIVO
jeko-e-re longe-DEC-AUX ‘é longe’	jeko-ni-k-e-re longe-3-DEC-NEG-AUX ‘é perto’ (= ‘não longe’)
taj-e-re depressa-DEC-AUX ‘depressa’	taj-ni-k-e-re depressa-3-DEC-NEG-AUX ‘devagar’ (= ‘não depressa’)

Comparativos por meio de construções litóticas

As frases do terceiro grupo são caracterizadas por apresentarem sintaticamente duas orações paratáticas, isto é, coordenadas por justaposição, na formação de comparativos de superioridade e/ou de inferioridade para expressões predicativas de valor adjetivo. Mais uma vez, destaca-se a litote como o mecanismo básico na formação dos “comparativos” em Kanoê:

14. kwaatsie ereã-e-re # nãkaw ereã-k-e-re
 sapo grande-DEC-AUX, perereca grande-NEG-DEC-AUX
 (Lit.: ‘O sapo é grande, a perereca não é grande.’)
 ‘A perereca é menor que o sapo.’
15. kometakãw ereã-k-e-re # uromu ereã-e-re
 lagartixa grande-NEG-DEC-AUX, jacaré grande-DEC-AUX
 (Lit.: ‘A lagartixa não é grande, o jacaré é grande.’)
 ‘A lagartixa é menor que o jacaré.’
16. kwini itevæ ereã-e-re # kwinikete ereã-k-e-re
 peixe-homem grande-NEG-DEC-AUX, traíra grande-NEG-DEC-AUX
 (Lit.: ‘O peixe-homem é grande, a traíra é pequena’)
 ‘O boto é maior que a traíra.’
17. jato tyj ej-turo-e-re # ojoto tyj ej-turo-k-e-re
 POSS1PL casa grande-espaco-DEC-AUX, POSS3PL casa grande-espaco-
 NEG-DEC-AUX
 (Lit.: ‘Nossa casa é grande, a casa deles não é grande.’)
 ‘Nossa maloca é maior que a deles.’
18. pjato atsoni jeko-ni-k-e-re # øa atsoni jeko-e-re
 POSS2PL aldeia longe-3-NEG-DEC-AUX, POSS1S aldeia longe-DEC-
 AUX
 (Lit.: ‘A aldeia de vocês é não longe, minha aldeia é longe.’)
 ‘A aldeia de vocês fica mais perto que a minha.’

Cotejando-se os exemplos supra, nota-se que não há uma ordem rígida entre as orações paralelas para determinar a comparação por inferioridade ou por superioridade. Porém, fica aí mais uma vez evidenciado o fenômeno da litote como recurso produtivo no sistema da língua.

CONCLUSÃO

A análise aqui apresentada permite que sejam tiradas três conclusões a propósito da negação em Kanoê:

1) as frases autenticamente negativas são apenas as do 1º grupo, ou seja, as não-litóticas;

2) dada a ausência de pares de antônimos “perfeitos” na delimitação de um campo semântico “negativo”, o Kanoê se vale do mecanismo da litote para preencher essa “lacuna lexical” e, assim sendo, esse recurso discursivo satisfaz as necessidades de expressão no sistema da língua;

3) a litote é também o mecanismo gramatical para a composição de períodos de teor comparativo, seja ele “de inferioridade” ou “de superioridade”.

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

AUX = morfema verbal auxiliar

CL = classificador nominal específico

CLV = classificador verbal

DEC = marca de modo declarativo

DEM. prox = demonstrativo próximo

INT = marca de modo interrogativo

Lit.: tradução literal

NEG = morfema negativo

OBL = oblíquo

POSS = marca de genitivo possessivo

POSS1S = pronome possessivo de 1ª pessoa do singular

POSS2S = pronome possessivo de 2ª pessoa do singular

POSS3S = pronome possessivo de 3ª pessoa do singular

POSS1PL = pronome possessivo de 1ª pessoa do plural

POSS2PL = pronome possessivo de 2ª pessoa do plural

POSS3PL = pronome possessivo de 3ª pessoa do plural

RC = prefixo relacional de contigüidade, marcador de posse inerente, inalienável

TRA = transitivizador verbal

1 = marca verbal de 1ª pessoa, singular ou plural

2 = marca verbal de 2ª pessoa, singular ou plural

3 = marca verbal de 3ª pessoa, singular ou plural

1S = pronome pessoal de 1ª pessoa do singular

2S = pronome pessoal de 2ª pessoa do singular

3S = pronome pessoal de 3ª pessoa do singular

O = morfema zero

= pausa longa, fronteira de oração

{ } = representação morfêmica

ABSTRACT

This work presents a typology in Kanoê, one of the Brazilian endangered and genetically isolated Indian language, that the last remaining speakers are living in the indigenous areas of de Deolinda, Sagarana, Rio Guaporé and Omeré, in the border of Brazil with Bolivia, in Rondônia. So, in this analysis, from a *corpus* that comprehends about 1800 linguistic data, we postulate three kinds of negative sentences: 1) authentic negative sentences; 2) affirmation through *litotes* phenomenon; 3) comparative of superiority and/or of inferiority through litotic sentences.

KEY WORDS: Brazilian indian languages, Kanoê or Kapishana, negation.

NOTAS

1. O Kanoê é uma língua indígena brasileira ameaçada de extinção e geneticamente “isolada”, cujos últimos cinco falantes vivem ao sul de Rondônia, mais precisamente nas áreas indígenas de Deolinda, Sagarana e Rio Guaporé e na cabeceira do igarapé Omeré, na região de Corumbiara.
2. Na terminologia lingüística tradicional, há variação quanto à grafia e à pronúncia do termo: Jota (1971, p. 199) e Câmara Jr. (1988, p. 63 e 162) e Dubois *et alii* (1986, p. 395) registram “litote”; Fiorin (1992, p. 57) e o

Dicionário Aurélio (1986, p. 1041) grafam “litotes”. Neste trabalho, optamos pela primeira variante por ser a mais usual nos dicionários especializados de Lingüística.

3. A listagem das abreviaturas das glosas dos morfemas é dada no final deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Laércio N. *Fonologia preliminar da língua Kanoê*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília.

_____. *Vocabulário preliminar Português-Kanoê*. Goiânia, 1992. Mimeografado.

_____. Fonologia segmental da língua Kanoê. *Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 6, p. 59-72, jan./dez. 1994.

BACELAR, Laércio N.; PEREIRA, Cleiton dos S. Aspectos morfossintáticos da língua Kanoê. *Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 8, p. 67-84, jan./dez. 1996.

CÂMARA JR., Joaquim M. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1988.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1986.

FIORIN, José L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1992.

HOLANDA, Aurélio B. de. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Versão 1.4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

JOTA, Hélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

WEISS, Helga. *Fonética articulatória: guia e exercícios*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1980.

